À CONVERSA COM ARTUR SERRA ARAÚJO

Por Ivo Canelas

IC: Que idade é que tens?
ASA: Trinta e quatro.

IC: E quantos filmes já realizaste?
ASA: Três curtas-metragens e duas longas, a última – A Moral Conjugal – ainda está por estrear. Gostava que estreasse no Fantasporto. A estreia comercial ainda não sei quando é. Mas estrear no Fantasporto de certeza que vai acontecer.

IC: Pergunta da praxe: quando é que soubeste que querias ser realizador?
ASA: Durante o curso (Som e Imagem na Católica). Primeiro queria ser argumentista, escrevi na altura um texto que depois deu origem à minha primeira curta que se chamava "Uma Comédia Infeliz". E toda a gente se ria imenso quando lia o texto e eu propus aquilo como projecto final de curso. E fiz. Correu tão bem, ganhou tantos prémios que eu disse " tenho de ver onde é que isto vai dar e fazer o próximo". Quando fui para o curso a minha ideia era apenas escrever, tinha estado em Direito antes e o que queria mesmo era escrever.

IC: Mas apesar de tudo é um grande salto da escrita para a realização. Foi um salto que te foi natural ou não?
ASA: Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Comecei a realizar porque não confiava em mais ninguém. (risos) Mas acabei por me aperceber que tinha muito mais interesse se fosse eu a levar o processo até ao fim. É quase como um filho. Então se tiveres a hipótese de realizar e depois editares, acompanhas a fase toda de crescimento. Torna-se um processo muito mais controlado. E de-

pois comecei a adaptar a minha escrita, a forma como o vou filmar, ou seja, já escrevo para mim porque sei que quando reler aquele texto automaticamente vou recriar as imagens que vou querer captar depois.

IC: Consideras escrever um argumento para outra pessoa realizar?

ASA: Teria de ser uma pessoa que considerasse muito. E teria de ser alguém que tivesse muito respeito pelo trabalho do argumentista. Já filmei uma curta escrita por outra pessoa e não me atrevi a alterar nada, porque sou responsável por dar seguimento àquela criação que começa no argumento. É preciso muito respeito pelo trabalho do argumentista e às vezes não há. Em Portugal, o trabalho do argumentista é totalmente desconsiderado, pois só se fala nos realizadores. Ninguém fala no argumentista ou editor, por isso é que toda a gente que vai tirar um curso de cinema, quer seguir realização e só quando não encontra oportunidades é que considera seguir por outras vias.

IC: Quais são as tuas referências enquanto realizador? Quem é que te entusiasma?

ASA: Já tive vários. Acho que há um que me vai acompanhar sempre que é o Lars Von Trier. Acho que não aparece nada dele no meu trabalho. É um estudioso do cinema e eu aprecio muito isso. Em todos os filmes ele procura sempre qualquer coisa, ou está a questionar alguma coisa e isso faz com que eu o admire. Também gostei sempre do Kieslowski, sobretudo pela componente psicológica. Gosto de muitos. No fundo gosto de todos os que são bons. (risos)

IC: Como é que tu vês as relações: realizador/ produtor e realizador/ director de fotografia?

ASA: Não sei, porque nunca tive muita curiosidade em conhecer outro produtor para além do Francisco Bravo Ferreira. Entre mim e o Francisco há uma amizade, apesar de sermos pessoas muito diferentes. Completamo-nos bem. E partilhamos uma coisa muito importante que é o prazer e o amor pela criação artística. E ambos temos um grande orgulho quando temos a obra feita. Isto não invalida que não surjam momentos de confrontação. Mas fomo-nos conhecendo e agora somos grandes amigos e isso faz com que as coisas corram muito bem, porque confiamos um no outro. Por outro lado, o Francisco sabe que é um "pequeno produtor" e está sempre a desafiar-me para ir procurar outro maior do que ele, atitude que muito aprecio nele. Mas afirmo que enquanto partilharmos os dois a mesma garra e até a mesma ingenuidade acho que é um percurso bonito e que tem pernas para andar.

Sinto a mesma coisa em relação ao Pedro Azevedo (Director de Fotografia), pois trabalhei sempre com ele. Nunca fiz nada sem ele. Completamo-nos. E fomos criando uma relação de amizade. E quando se faz cinema de baixo custo é importante sabermos com quem é que estamos a trabalhar. O Pedro agarra a equipa do lado dele, assim como eu agarro a equipa do meu lado, motivando as pessoas a trabalhar com prazer. É importante este espírito de união. E depois há a parte estética, aprecio muito a forma do Pedro enquadrar e confio muito nele e nas suas escolhas. São relações que se foram fortalecendo.

IC: Gostavas de representar?

ASA: Adorava ter jeito.

IC: Inpendentemente do jeito. Gostavas de representar?

ASA: Gostava. Numa personagem minha gostava, gostava muito.

IC: Consideras vir a fazer alguma participação num filme teu?

ASA: Duvido. Não. Preocupo-me demais com o filme. Não. É uma questão que não se põe. Nunca conseguiria representar emoções.

IC: Como é que é o teu processo de escrita?

ASA: Esse é o momento mais importante de todo o processo criativo, quando começa a escrita, quando a ideia aparece. O que me limito a fazer é uma espécie de tradução da realidade para um universo ficcionado, mas que tem sempre reminiscências da minha vida. Todos os personagens que escrevo, todos eles são um pouco autobiográficos, mas atrevem-se sempre a atravessar fronteiras que eu jamais atravessaria. O "Suicídio Encomendado" tem questões morais minhas, tem medos, tem episódios, tem sonhos. O "Desavergonhadamente Real" também é uma história muito pessoal, mas que se calhar tive de a escrever num momento da vida em que o meu romantismo estava a zero (risos). Senão acho que aquilo ficava muito piroso.

IC: Dá-te prazer escrever ou é doloroso?

ASA: É quase como um alimento. É o que me dá motivação todos os dias. Quando estou a

escrever gosto mesmo de encontrar a rotina. As minhas rotinas funcionam como zonas de conforto. É o que me ajuda a disciplinar. Sair da cama para ler um livro, gosto de escrever à tarde e de ver um filme à noite. Isto tudo desperta-me criativamente. Fico mais sensível para tudo. Sou capaz de encontrar beleza ou algo mais transcendental muito mais facilmente na minha vida. E o mundo parece muito mais interessante. Tenho um prazer enorme quando estou num processo criativo. A única coisa que me angustia é quando tenho muita coisa escrita e não consigo filmar.

IC: Por último, acabaste de filmar, no início de Março, a tua última longa "Moral Conjugal". Correu bem?

ASA: Correu muito bem. Só o consegui ver uma vez como espectador. Depois de montado fizemos um visionamento com mais pessoas na sala e foi a única vez que consegui "desligar" e ver como espectador.

E gostei muito do que senti.

www.facebook.com/arturserraaraujo
www.facebook.com/ivo.canelas

-- Ivo Canelas e Artur Serra Araújo escrevem de acordo com a antiga ortografia

In, revista ***Fábrica de Talentos,*** Fundação da Juventude, Porto , dezembro de 2011